

737
Grupo Livre "A Conquista do Pão"

ESPÓLIO PINTO QUARTIM

N.º 1175

B. 145

I

O 1.º DE MAIO
E O SALARIADO

AHS



Pinto

LISBOA

Typ. A PUBLICIDADE, rua Diário de Notícias, 147 a 151
1905

O 1.º de maio e o salariado

Mais um anno decorrido sem que o proletariado portuguez tenha avançado um passo para as suas reivindicações! . . .

Mais um anno de expectativa criminosa por parte d'aquelles que se deixam guiar pela mentalidade de alguém que pretende, com festas, resolver a questão social.

E, não obstante, estas festas serem feitas de accordo com o governo e a burguezia, é decorrido mais um anno de fome e de repressão á greve.

Comtudo, a festa continua! . . .

Neste dia, a alvorada é alegre e festiva. As musicas, os foguetes e os discursos aconselhando — fé, esperança e paciencia — écoam por todos os lados.

A imprensa de todas as cores politicas, — da mais vermelha á mais conservadora — vaé engalanando o seu balação, fazendo a apoteose do trabalho, e, em edições de luxo, profusamente illustradas, para melhor ser a colheita, publica com elogiosas biografias, os retratos dos orientadores das massas ignorantes, enaltecendo-lhes as suas virtudes e qualidades de revolucionarios (como celebres do dia) a quem o proletariado portuguez, porventura já devesse a sua situação de homens livres.

Os trabalhadores, os ludibriados de todos tempos, a eterna creança, enverga os seus melhores vestidos, aplaude os discursos e discute acaloradamente o «dia normal de oito horas de trabalho»; compra retratos e jornaes que guarda e emoldura, como se fora recordação de titanicas lutas travadas entre o Capital e o Tra-

balho, como se fora, enfim, recordação do glorioso dia da emancipação proletaria! . . .

E, para a festa ser completa, ha o cortejo, onde não faltam os carros alegoricos e respectivos estandartes das associações de classe!

As grandes fabricas e os pequenos *ateliers* fecham as suas portas — como se fossem propriedade dos que trabalham — e até os estabelecimentos fabris do estado cessam, em parte, a sua laboração, como para acompanhar os trabalhadores no seu protesto contra a exploração capitalista! . . .

O movimento na cidade é desusado! . . .

Dir-se-ha que a soberania do povo é já um facto e que as suas sublimes aspirações se teem convertido em lei.

A um signal dado põe-se toda aquella multidão em marcha. Na frente, como que a proteger aquella multidão de famintos e explorados, faz as honras da festa uma enorme força de policia, que contem em alas os *mirines* — a burguezia, aristocracia, clero e exercito — para dar passagem ao cortejo do proletariado, que é dar passagem ás forças vivas da nação, que é dar passagem aos produtores do conforto e do bem-estar d'aquelles milhares de ociosos que se estendem por todo o trajeto.

Em seguida, um pretendido salvador dos oprimidos, um qualquer Fr. Thomaz, ventruado e de busto largo, com uns olhos escuros que lhe encobrem o cinismo do seu olhar, conduz aquelle rebanho inconsciente de umas centenas de explorados de ambos os sexos, ao sitio do projectado monumento a José Fontana, cuja obra de propaganda e orientação tem sido tão deturpada por *lusitanos*, como as Verdades prégadas por Cristo teem sido falseadas pelos catholicos.

D'ali partem então os manifestantes para o comicio ou para as hortas; as filarmônicas para a sua séde, se acaso não teem que acompanhar mais alguma procissão; os carros, que caprichosamente são ornados com alegorias do trabalho e as bandeiras, são entregues ao estado que tudo cede a pedido da commissão organizadora da festa.

No comicio, acende-se então o facho da *revolta*: votam-se mocções tendentes a resolver a crise do trabalho, a exploração dos menores e das mulheres nas officinas, as responsabilidades pelos desastres no trabalho, o esta-

belecimento do dia normal de 8 horas e *tuti quanti* ha de bello e altruista para prender a atenção d'aquella massa ignorante que, boqueaberta, ouve a *palavra inspirada* do divino mestre aconselhando ordem e respeito pelo estado e pela autoridade, pois que, dizia elle noutro tempo, só a dentro da monarchia o proletariado conseguiria melhorar a sua vida economica.

E assim põe em foco a sua soberania sobre as classes trabalhadoras.

*
* * *

Proletarios, despertae! . . .

Não é com festas que se resolve o grave problema social — a distribuição da riqueza.

Não é com festas que o salariado terá de emancipar-se do jugo capitalista, que o avilta e tortura e o mata lentamente pela fome.

Com festas nada se conseguiu e nada se conseguirá. Quem assim orienta um povo faminto e ignorante, leva-o por um caminho errado, e desvia-o do melhor caminho a seguir para as suas reivindicações.

E, senão, vejamos:

O dia normal das 8 horas nunca se estabeleceu, porque o capital parece não temer as proclamações do *Gapony* dos *Tres oitos* cá da nossa terra; a lei de proteção aos menores e ás mulheres foi uma burla; a lei de responsabilidade pelos desastres no trabalho, foi uma burla; como burla tem sido toda a obra emanada do grande *centro revolucionario comodista*.

É isto, em breves palavras, o que tem sido a obra *revolucionaria* dos collectivistas portugueses.

Fazem do dia consagrado ao protesto internacional dos famintos um dia de festa que nada significa, senão a hypocrisia de quem a dirige e a ignorancia em questões sociaes de cerebros enfermos e de acanhado desenvolvimento intelectual do pequeno numero que a ella concorre.

Não comprehendemos porque se pede ao estado, carros, bandeiras, policia e dispensa de ponto para protestar contra as leis que nos burlam e contra o capital que nos explora.

É, pois, bem manifesto que os trabalhadores portugueses além de burlados pelos que os dirigem, se prestam inconscientemente a promover festas para gozo e risota

dos burguezes que se vão locupletando com o produto do seu trabalho, sem receio algum por esta forma de protesto.

Os que, como nós pensamos, bem o sabemos, são apontados como discolos e votados á excomunhão pelo *papa-vermelho*, que, como o papa-negro faz a guerra aos que incitam os trabalhadores a que se instruem e avancem para um provir de Igualdade, de Verdade e de Justiça.

Os grandes pensadores como Bakounine, Kropotkine e Gorki, os grandes orientadores, os sinceros apóstolos da revolução social, os amigos da humanidade oprimida, esses, os que teem sabido sacrificar-se pelo bem-estar de toda a humanidade, são tidos talvez como charlatães e utopistas e os seus livros seriam sujeitos a auto de fé, se o *papa-vermelho* os houvesse ás mãos.

Hoje, como hontem, as teorias são as mesmas, os conselhos os mesmos, a orientação, emfim, é a mesma; apenas a fome é mais, a exploração do capital sobre o trabalho mais desenfreada, a palavra de protesto contra taes prepotencias é mais abafada pela lei de 13 de fevereiro e tantas outras leis tão arbitrárias como esta, que calam o grito de revolta dos oprimidos e dos famintos.

Em 1895, o *grande centro da transformação social*, proclamava a guerra a todos os partidos revolucionarios e dava a sua adesão á monarquia; hoje (como os tempos mudam), proclama a guerra aos libertarios e á monarquia e oferece a sua aliança aos republicanos. É para assustar com certeza.

Porque será? . . . Eles que o digam.

Urge, portanto, que o povo se instrua, para que possa vêr e pensar que se expõe numa praça publica a satisfazer a vaidade dos chefes, que o fazem mover como simples automato, para servir de gaudío á burguezia sempre ávida de passa-tempo.

A instrução faz a luz que ilumina os cerebros, ainda os mais enfraquecidos.

Instruir o povo é revolucioná-lo; é levá-lo á comprehensão dos seus direitos e dos seus deveres, é levá-lo á dignidade de homens que sabem o que querem, o que podem e o que valem.

Instruir o povo é preparar uma nova camada que saiba, de frente erguida conquistar aquilo a que tem jus.

É abrir-lhe os olhos para vêr a corrompida sociedade em que vegeta e saber córtar-lhe as podridões.

Instruir o povo e orientá-lo, é a melhor manifestação d'este dia. Aconselhá-lo a que leia os grandes mestres é levantá-lo e despertá-lo para as grandes lutas que tem de travar com os seus implacaveis inimigos — estado, religião, exercito e capital.

... Organização do dia ...

Data do principio do seculo passado a idéa da redução nas horas do trabalho. Desde 1803, pouco mais ou menos, que os *meetings* e as *grèves* se succedem quasi ininterruptamente. Vivia-se, principalmente na America, num período de agitação mais ou menos tensa, em que os operarios se moviam apenas pelas suas necessidades de famintos e de rotos, com uma consciencia de revoltados e orientados na luta.

Estava-se em 1866 quando, na America do Norte, se formulou a idéa da reclamação de 8 horas de trabalho. O tempo decorria, as necessidades dos operarios aumentavam. Os americanos apelando para meios praticos e decisivos, resolveram na *Labor Union*, preparar-se para a *grève* a favor das 8 horas; *grève* que teve logar no 1.º de maio de 1896, e que levou á força cinco lutadores e tres a prisão perpetua em 11 de novembro de 1887.

D'ahi, a idéa de que esse dia fosse destinado para, comemorando aquella data de sangue, despertar o povo adormecido, idéa que tem sido um crasso erro mantido não sabemos porquê. O movimento ultimamente converteu-se numa cronica procissão carnavalesca, vergonhosa e deprimente para os cooperadores d'essa farça.

Os annos decorreram e o povo impaciente e ludibriado, nada de pratico vendo adquirido, antes pelo contrario, abandonou associações e *chefes mystificadores*, e de tal forma que, entre nós, uma *certa organização* vendo fugir-lhe a clientela, lançou a excomunhão a todos e a todas aquellas que não bebessem d'aquella pia socialista.

Mas . . . perdido o credito, o que lhe restava? . . . o servilismo abjecte que possuíam foi posto em pratica; e, ei-los novamente rastejando entre os excomungados, supplicando-lhe a sua cooperação no carnavalesco cortejo de exhibição da *sucia* com *lista*.

Se lh'a recusaram tanto melhor. Oxalá essa recusa seja a formal decisão para futuros cometimentos. Vale

mais tarde que nunca. O que está não presta e, o pedir o que só pela força e coesão se pôde conseguir é rematado matoidismo.

Festa ou protesto?...

Comemora-se a data de 1 de maio de 1886.

Festeja-se em todos os países essa data com musicas, foguetes e andores, pois que, dizem, o movimento realizado nesse anno na America do Norte foi o inicio de grandes lutas pelas reivindicações proletarias.

Esquece-se, porém, que a burguezia americana, aterrorizada pelo grandioso movimento iniciado pelos *cavalheiros do trabalho*, procurou sufocal-o, provocando tumulto e lutas sangrentas em diversas cidades, especialmente em Chicago, onde cinco heroicos revolucionarios foram assassinados em holocausto á ferocidade burguesa.

Com factos d'esta ordem ligados á historia d'esse movimento deverá considerar-se este dia como festivo?

Deverá comemorar-se esta data com musica, foguetes e andores?

Eis as perguntas que me sugere a manifestação de hoje!

Aos que desconhecem a anarquia

Empreender uma obra san no meio de uma sociedade pôdre é tarefa que só convictos e sinceros anarquistas podem tomar a peito e levar á pratica.

Conscios desta verdade nos reunimos, confundindo e encaminhando as nossas forças para um fim unico: a anarquia. Mas que vem a ser a anarquia? perguntará quem nos ler.

Ouvi:

A anarquia não é nada daquilo que supondes, que tendes lido ou ouvido dizer. A anarquia não é a desordem

nem a confusão, como soem dizer os deturpadores e os ignorantes. Também não é uma fabrica de bombas nem uma maquina infernal a despejar assassinos, como certos imbecis a definem.

Lêde Bakounine, Kropotkine, Reclus, Grave, Faure e tantos outros em cujo cerebro e em cujo coração palpitam e se revolvem tantos pensamentos sublimes e tantos e tão puros sentimentos de paz, de concordia, e de amor pela humanidade inteira.

Lêde os nossos jornacs, assisti ás nossas conferencias, ouvi as nossas palestras; e se ainda assim vos não convencerdes dos nossos sentimentos de humanidade, aproximai-vos de nós, travai relações comnosco, conhecei-nos de perto. Então vereis que desde o mais obscuro operario até ao maior sabio não encontrarás um só anarquista capaz duma infamia, capaz duma traição. A anarquia, sendo a forma mais perfeita, até hoje conhecida para a vida e felicidade do homem, não inspira odio nem aconselha vinganças. E aquelles que, impelidos e determinados pelas iniquidades de uma organização social barbara, tem sido levados a represalias violentas, esses podem ter-se inspirado nos codigos, mas nas doutrinas anarquistas, não.

Somos anarquistas e o nosso fim é fazer a propaganda das nossas idéas espalhando-as e defendendo-as conforme pudermos e conforme soubermos.

A proposito

Este anno temos, alem do programa dos da *União*, varias reuniões de protesto contra a Lei de 13 de Fevereiro.

Adherimos a tudo quanto tiver por fim levantar o nivel moral, intellectual e revolucionario das classes trabalhadoras. Mas d'ahi a transigir-mos com um povo pedinchão, caminhando por sendas demasiado reconhecidas como infructiferas, vai muitissimo; pois que fartos estamos de lamurias e olhos no chão postos.

Assim não se vai a parte alguma. Já é tempo de se enveredar por um caminho que nos leve á méta das nossas aspirações. Censurar-mos os outros porque apelam para

o Solar de S. Bento e pedindo ao povo que nos acompanhe á porta para o mesmo fim é demasiada incoherencia.

Se o povo não está preparado ou educado para grandes cometimentos, eduque-se, mas... por favor, não se mistifique e ludibrie a consciencia d'aqueles que aspiram a mais um pouco de bem-estar. Existe a lei de 13 de fevereiro como existem muitas outras, porque cada povo tem o governo que merece.

A causa da desditosa condição dos trabalhadores é a escravidão. A causa da escravidão é a existencia das leis. As leis apoiam-se na violencia organizada.

Não se poderá, pois, remediar a condição da classe trabalhadora senão destruindo a violencia organizada.

Tulstói.

OS NOSSOS FINS

Este grupo tem por fins principaes: Publicar folhetos e livros em que se espalhem e vulgarisem todos os conhecimentos positivos e praticos. E sendo, como é, somente composto de liberrarios, inútil será dizer que todas as suas publicações serão destinadas á educação moral, intellectual e fisica do povo. Para isso conseguir, escolheremos sempre, de entre as melhores, as mais simples e as mais completas publicações dos escritores modernos; e como não temos em vista enriquecer, todas as nossas obras serão vendidas pelo minimo do custo e distribuidas gratuitamente sempre que as circunstancias assim o permitam.

É isto que nos propomos, se bem que não desconhecamos os obstaculos e as dificuldades de toda a especie que encontraremos em nosso caminho.

Mas, com a boa vontade que nos anima e com um pouco de esforço estamos esperançados em que alguma cousa de util produziremos.

206

Preço 20 réis

Toda a correspondencia para o Grupo Livre "A Conquista
do Pão" deve ser dirigida para a rua do Sol (ao Rato),
54—Lisboa.